

## UM SONHO DE DIÓGENES

*Un Songe De Diogènes<sup>1</sup>*

HAN RYNER

Tradução de José Paulo Maldonado de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Han Ryner é o pseudônimo adotado em 1896 por Jacques Élie Henri Ambroise Ner (Nemour, Algeria, 1861 - Paris, 1938), um dos grandes autores do anarquismo individualista francês. Pensador prolífico, destaca-se pela colaboração em diversos periódicos, entre eles o *L'en Debors* e *L'Unique*, do círculo de E. Armand; foi autor de numerosas obras, incluindo romances, teatros, peças jornalísticas, ensaios, entre os quais o mais conhecido entre nós é o *Petit Manuel Individualiste* (1903). Seu pensamento é fortemente inspirado pela antiguidade clássica, incluindo uma interpretação original de diversos filósofos (sofistas, cirenaicos, cínicos, estoicos) por meio dos quais remonta, à seu modo, as origens do individualismo moderno. “Anarquista individualista”, julgava não haver contradição entre o comunismo e o individualismo, mas harmonia. Sua influência se espalhou para fora da França ainda na primeira metade do século XX, especialmente no entreguerras, quando obteve repercussão na Espanha e até no Brasil, defendendo posições pacifistas e a objeção de consciência. No Brasil seu pensamento foi recepcionado por Maria Lacerda de Moura que publicou *Han Ryner e o Amor no Plural* (1933). O texto a seguir é um excerto do livro *Les Songes Perdus* (1929) – *Os Sonhos Perdidos* - uma coleção de “contos oníricos” de diversas personalidades como Sócrates, Platão, Diógenes, Jesus, Judas, Júlio César, Santo Agostinho, Cervantes, Descartes, entre outros, escritos num estilo, às vezes, considerado simbolista, fortemente sugestivo, mesclando anedotas históricas e ficcionais; a textura onírica dos relatos não compromete a plausibilidade, coerência ou fidelidade dos relatos, mas amplia significativamente as possibilidades de leitura das doutrinas e feitos atribuídos às diversas personagens. Nesse sentido preciso, são bastante “autênticos” os diálogos entre Aristipo e Antístenes, Diógenes e Platão, sobre temáticas como o excesso, o requinte, a justa medida, os prazeres, o presente, a resistência, o matrimônio e a fortuidade.

**Palavras-chave:** anarquismo individualista francês; escola cínica; escola cirenaica.

Diógenes pediu a Platão um acetábulo de vinho; Platão mandou-lhe uma ânfora, setenta e duas vezes a mais do que lhe foi solicitado<sup>3</sup>. Diógenes descerrou o odre, entornando apenas a quantia de vinho solicitada. Mais tarde, visto que àquela hora eram muitos os discípulos nos jardins de Acádemos, Diógenes devolveu-lhe a ânfora quase cheia e disse:

- Ó Platão – disse Diógenes – se alguém te perguntar quanto é a soma de dois mais dois, responderás tu que é cem. Todos os dias respondes e presenteias muito mais que o

1 Texto original em domínio público. RYNER, Han. "Un Songe de Diogène". In: **Songes Perdus**. Paris: A. Messein, 1929.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela UFPE

<sup>3</sup> N.T.: Acetábulo designa um pequeno vaso em forma de cálice, usada para acondicionar vinhos e gêneros alimentícios. Por sua vez, a ânfora ou odre designa um grande vaso ou jarro de formato ovoide, geralmente com duas alças e eventualmente selado, usado para contenção de maiores quantias de vinho, azeite e outros.

desejado. Aquele que vem de aceitar teus presentes ou tuas palavras embriaga-se e torna-se incapaz de andar ou falar como homem<sup>1</sup>.

Platão ergueu o dedo esboçando uma réplica. Sorrindo entre os lábios e o olhar. Mas Diógenes subitamente acrescentou, sem vacilar e com a face inteiramente voltada ao inimigo:

- Permita-me, ó torrente, evitar o transbordamento de uma réplica tão generosa que pretendendo refrescar-me, afogue-me em sua abundância.

Todos os presentes começaram a rir-se. Os rumores dos risos não permitiam mais que Platão se fizesse entender, então ele fingiu rir-se com os demais. Mais tarde, na ausência de Diógenes, finalmente falou:

- Com efeito, meus presentes são grandes demais para os infantes sem razão; meus dotes são desmesurados apenas quando ofertados ao insensato, pois este não sabe tomar da justa medida.

Isso tudo foi relatado à Diógenes. E ele admirou-se profundamente como, desta vez, Platão soube ser preciso e conciso como um cínico. Na noite seguinte, Diógenes foi visitado por um sonho.

\*\*

Sócrates discursava perante muitos jovens. Entre os ouvintes, encontrava-se Antístenes, o futuro mestre de Diógenes.

Sócrates, inebriado pelo burburinho de uma multidão de coribantes íntimas<sup>2</sup>, pronunciava um longo discurso, um tanto aprazível, um tanto contagiante e lírico.

Antístenes tentou interrompê-lo diversas vezes. Mas os demais, encantados com a eloquência, a alternância entre as nobrezas trágicas e as familiaridades satíricas, silenciaram Antístenes antes que Sócrates pudesse notar sua impaciência.

Quando o velho finalmente calou-se, Antístenes disse:

- Ó mestre da brevidade, acaso esqueceste da tua arte, da braquiologia<sup>3</sup>, das questões límpidas, das respostas precisas?

---

1 N.T.: A anedota da ânfora de vinho remete a *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, de Diógenes Laércio: livro VI, §26, “Em outra ocasião Diógenes pediu-lhe vinho e ao mesmo tempo figos secos. Platão mandou-lhe uma ânfora cheia de vinho, e o outro disse: ‘Se alguém te perguntar quanto é a soma de dois mais dois, responderás vinte? Não dás, então, a quantidade que te pediram, nem a resposta ao que te foi perguntado.’ Diógenes também censurava Platão por ser excessivamente falante.” Utilizamos a tradução e numeração de Mário da Gama Kury. Ed. UNB. Brasília, Brasil, 1977.

2 N.T.: Coribantes são entidades divinas da mitologia grega. Conta-se que Réia, a mãe de Zeus, a fim de protegê-lo do pai, Cronos, que devorava seus filhos, ocultou-o ainda recém nascido numa caverna sob os cuidados de Hefáistos. Os coribantes, então, dançavam e brandiam suas lanças e escudos de bronze, e assim o estrondo teria abafado o choro de Zeus recém nascido. Por extensão, o termo também designa os sacerdotes e sacerdotisas do culto de Réia, conhecidos pela prática de rituais orgíacos e extáticos.

3 N.T.: “Braquiologia” ou “braquilogia”, do grego βραχυλογία, pode tanto designar uma figura de linguagem específica (uma variedade da elipse), mas também a concisão no discurso ou no estilo em geral.

- Pode ser que as nove Musas disputem-me os lábios<sup>1</sup> neste instante, beijando-os e pressionando-os, cada qual desejando um lugar em meu discurso.

- Nove musas de uma só vez, mas isto é demais! – disse Antístenes. Porque não rejeitas as mais exigentes? ...

Mas Sócrates:

- Porventura censuras teu mestre Hércules, que numa só noite deflorou cinquenta virgens<sup>2</sup>? De minha parte, sou mais fraco que o ordinário dos homens e tão estéril quanto uma parteira. Portanto, nas vezes em que me permito, esbanjo as economias da castidade; pois minha velhice a mim me parece uma torrente de juventude e eu jamais ousaria repelir quaisquer amantes que se me apresentassem.

Aristipo que lá estava, disse sorrindo:

- Tens razão, ó Sócrates. Páris que, teve a covardia de escolher entre três deusas, lançou sobre sua pátria e sobre si terríveis infortúnios<sup>3</sup>. Quanto a ti, Antístenes, se algum dia dirigires teu desejo a uma única musa, somente, elas terminarão esquivando-se deste amor tão rude. As musas não são tolas; sabem que as escolhas de Eros ofendem tanto os eleitos quanto os rejeitados. Aquele que não é capaz de acolher todas as alegrias, torna-se incapaz de compará-las e de saber o quanto cada alegria é única, o quanto o presente é superior a todo passado e a todo porvir. Pois todo passado foi um presente iminente, e todo porvir ascenderá desse glorioso cimo, o qual chamamos Presente.

Sócrates repreendeu Antístenes e Aristipo. Mas, em tempo, Aristipo disse:

- Têm razão as mulheres de Esparta, que amam somente os debochados. De que outra maneira o homem que não se exercitou com muitas, poderia satisfazê-las e a cada beijo parecer-lhes um novo homem? ...

Como Diógenes havia feito com Platão, Aristipo retirou-se da presença de Sócrates e Antístenes. Mas não sem antes lançar sua última palavra:

- Uma é mais exigente que todas.

1 N.T.: A mitologia grega conta que as Musas nasceram no monte Piéria, à leste do Olimpo, cada uma destinada a representar e proteger uma forma de arte. As nove Musas são: Clio (musa da história), Euterpe (da música), Tália (da comédia), Melpômene (da tragédia), Terpsícore (da poesia lírica e da dança), Erato (do canto nupcial), Polímnia (da pantomima e da retórica), Urânia (da astronomia e astrologia), Calíope (da poesia épica).

2 N.T.: Hércules, ou Hércules (em latim), herói grego, filho de Zeus e da mortal Alcmena, era cultuado pela escola cínica como símbolo de excelência. No entanto, apesar das doutrinas cínicas contra os prazeres e o excesso, Sócrates relembra que Hércules antes do início dos doze trabalhos, na caçada ao leão de Citerão, não hesitou quando foi solicitado por Téspio, o rei da Téspias, a desposar suas cinquenta filhas virgens, com vistas a geração de uma dinastia de estirpe divina.

3 N.T.: A fala de Aristipo remete a outra anedota de Diógenes Laércio, livro II, §66: “Certa vez Dionísios [o Tirano] convidou-o a escolher uma entre três cortesãs presentes, ele saiu com as três dizendo: ‘Não foi vantajosa para Páris a escolha de uma só’. Conta-se, todavia, que Aristipos as levou somente até o átrio, mandando-as embora”. Páris elegendo a deusa Afrodite, em detrimento de Hera e Atenas, desencadeou os eventos que culminaram na Guerra de Tróia.

\*

\*\*

Diógenes meio acordado, ainda se lembrava do sonho. Diógenes meio dormindo, ainda se lembrava da querela com Platão. Dando de ombros ao sonho como a um fardo leve, ele indagou desdenhoso:

- Mas que relação poderá haver entre tudo isso?

Então, seus olhos se fecharam um segundo. E sob um raio de sol, Diógenes vislumbrou, oscilando no ar, uma daquelas filandras que tanto encantam a atmosfera outonal. E vinda do fundo, uma voz alada se fez adivinhar como não querendo ser pressentida por ouvidos vulgares, mas apenas pelos mais sutis:

- As Musas amam os fios entrançados que pairam na luz flutuante.